

A Era de um Corpo sem Direitos: Norberto Bobbio e Simone de Beauvoir e a Discussão sobre o Envelhecimento

The Era of a Body without Rights: Norberto Bobbio and Simone de Beauvoir and the Discussion about Aging

Magda Guadalupe dos Santos*

RESUMO

No artigo analisa-se o tema da situação dos corpos nos escritos de Norberto Bobbio e de Simone de Beauvoir, sob o impacto das vicissitudes históricas. Abordam-se aspectos tratados por Beauvoir no decurso de duas décadas e por Bobbio no final de sua vida. Investiga-se tanto a centralidade temática do corpo em processo de transformação, quanto as transgressões da escrita sobre as situações concretas do envelhecimento.

Palavras-chave: Corporeidade, Direitos, Norberto Bobbio, Simone de Beauvoir, Velhice.

ABSTRACT

In this chapter we analyse the corporeal situation in the writings of Norberto Bobbio and Simone de Beauvoir, under the impact of historical adversities. We discuss aspects of texts by Beauvoir, over the course of two decades, and, by Bobbio, at the end of his life. We investigate both the thematic centrality of the body in the process of transformation and the transgressions of writing on the concrete situations of aging.

Keywords: Corporeality, Rights, Norberto Bobbio, Simone de Beauvoir, Old Age.

1 INTRODUÇÃO

Obras que se ocupam do envelhecimento na contemporaneidade filosófica e jurídica não parecem despertar tanta atenção ou interesse de seus leitores quanto as que trabalham tópicos de princípios históricos e constitucionais, de estrutura deontológica e de poder, ou sobre a corporeidade e a sexualidade, direitos e suas restrições, entre outros temas instigantes. Muitos escritos a respeito desta temática passam sem brilho ou mesmo despercebidos no conjunto de obras de autorias variadas, como se trouxessem à tona certo incômodo fenomênico. A consciência reflexiva que capta o peso da velhice não se acomoda facilmente para compreender o processo de envelhecimento, em sua matriz lógica, como uma sequência natural da vida. A textura cultural e o referencial axiológico que sustentam o peso da velhice direcionam as descrições sobre as mudanças corpóreas para um lugar de fragilidades, incertezas, solidão, qualidades reconhecidas com certo ceticismo moral.

Artigo submetido em 10 de dezembro de 2023 e aprovado em 05 de janeiro de 2024.

* Professora doutora da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil. Pesquisadora de filosofia e teorias feministas. Integrante do Comitê científico-*Editorial Board* de Simone de Beauvoir *Studies*. Integrante dos Grupos de Trabalhos (GT): “Desconstrução, Alteridade e Linguagem” e “Filosofia e Gênero” da ANPOF. Brasil. E-mail: magda.santos@uemg.br

Neste estudo, levo em consideração apenas dois autores, Norberto Bobbio e Simone de Beauvoir. O pensamento de Bobbio é analisado com base tanto num breve texto acerca do *Tempo Livre* das pessoas idosas, que integra uma coletânea sobre o tema da velhice, aparecida em 1992, bem como na conferência por ele feita quando do recebimento de homenagem acadêmica em 1994 e outros trabalhos de viés autobiográfico que disso resultam, recolhidos e publicados pela Editora Einaudi e traduzidos para o português em 2005. O pensamento crítico de Simone de Beauvoir sobre o tema percorre pelo menos três obras, *Uma morte muito suave* (1964), *A velhice* (1970) e *A cerimônia de adeus* (1987). Pode parecer pouco equilibrada a retomada do pensamento de Bobbio em relação ao de Beauvoir, uma vez que trataram da a velhice em épocas específicas de suas vidas. Não se trata, contudo, de verificar o envolvimento teórico de uma ou outro em relação ao tema, mas de retomar duas perspectivas de análise por meio do *ethos* do envelhecimento.

Para Norberto Bobbio, a velhice parece haver se tornado objeto de reflexão apenas no final da vida, com a constatação das mudanças políticas e tecnológicas que não mais conseguia acompanhar, embora para alguns comentadores, como Celso Lafer e Tércio Sampaio Ferraz Jr. (2013), ele sempre tenha escrito sobre temas que expressavam suas *inquietações intelectuais*. Assim, não se poderia estranhar o tom melancólico de suas últimas obras, a velhice se tornando tema de reflexão apenas quando ele completa oitenta anos, momento em que demonstra a si mesmo a coragem de se pronunciar sobre o assunto, sob o peso real e fático do envelhecimento. Já Simone de Beauvoir analisa o fenômeno do envelhecimento durante duas décadas de vivências, a partir do livro sobre a velhice e a morte de sua Mãe, *Uma Morte muito suave*, tratando do assunto de diversas perspectivas, sobretudo no processo dialógico com o outro – sejam a mãe e Sartre, seja ela mesma, na dimensão corpórea da história Ocidental, ou ainda no início do próprio envelhecimento, também nos relatos de escritos de Memória. Isso não significa que a velhice se apresentasse mais intensa para Beauvoir do que para Bobbio, ou que cada um deles tivesse vivenciado e sentido o peso corpóreo, físico, social e político da velhice de modos diferentes em intensidade e valor. O que se visa aqui analisar é apenas como cada qual se permitiu tratar teoricamente o tema em sua especificidade interpretativa e por meio de perspectivas dialógicas singulares.

Algo que ressalta da leitura das obras de Beauvoir e de Bobbio sobre o assunto é a presença de certo incômodo ou certa perplexidade, quando se constata que, na *era dos direitos*, em que o maior de todos é o “direito a ter direito” (Bobbio, 1992, p. 62-63),¹ ambos retratam a velhice como o estado de não ter nenhum direito, a situação da falta de direitos, de modo que o dever humano, o tornar-se mulher ou homem, da perspectiva da velhice, constitui uma mistura cruel de natureza² e cultura, de dados biológicos que desnudam a fragilidade humana em uma cultura do corpo belo, forte e produtivo.

2 O QUE SE SABE SOBRE A VELHICE EXPERIMENTADA EM SI PRÓPRIO: NORBERTO BOBBIO PARLA DA SE STESSO

No discurso proferido por Norberto Bobbio por ocasião do recebimento da “laurea ad honorem” da *Università degli Studi di Sassari*, em 5 de maio de 1994, o tema da velhice (*De*

¹ Em a *Era dos Direitos*, Bobbio centraliza sua análise histórica sobre os direitos nesta expressão de valor retórico. Não se vivenciando mais modos obrigacionais perante as determinações coletivas, sociais e políticas, a *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*, de 1789 torna possível a passagem da leitura organicista à leitura individualista da história, em que o maior de todos os direitos se compreendeu como o “direito a ter direitos”, mesmo que nos termos restritos da lei.

² Em *O Segundo Sexo*, Beauvoir analisa como a naturalização dos traços biológicos sempre manteve as mulheres numa categoria de subordinação aos ditames masculinos, embora sua condição de alteridade negativa realçasse apenas as disposições histórico-culturais a ela manifestas.

Senectute) ganha impacto intenso na voz do grande mestre da filosofia do direito do século XX. Ele próprio declara que, por muito tempo, se ouviu o que o velho professor tinha a dizer, mas, naquele momento da solenidade, falaria apenas o velho. Causa certa comoção a forma como o renomado filósofo lida com a dimensão profunda da velhice vivida em si próprio. O desconcerto dos leitores não é tanto pela leitura pessimista da velhice que apresenta, mas de como se permite a referendá-la em si mesmo.

Bobbio problematiza a inaptidão dos velhos para viver no mundo contemporâneo, com ignorância da tecnologia e da celeridade das informações sobre as quais nada parecem saber. Ele transita pelo tema com um pessimismo filosófico profundo. Embora agradeça a láurea recebida em teoria política, no que diz há bem pouco correspondente a seu vasto conhecimento sobre normas ou sobre as leituras *organicistas* ou *individualistas* da história, havendo sequer o desejo de sustentar o raciocínio em bases demonstrativas sobre o valor epistemológico ou metodológico da *filosofia da história*, tal como analisa em *A Era dos Direitos* (Bobbio, 1992, p. 49-65). Tais chaves de leitura parecem intrínsecas, subjacentes ao seu entendimento sobre o mundo, mas trata-se da sapiência de um velho filósofo que necessita ali apenas se expressar como tal.

Investigando escritos clássicos sobre a velhice, Bobbio menciona como os grandes mestres, nomeadamente Cícero e Campanella, se consideravam já velhos aos sessenta anos (Bobbio, 2005, p. 80). A medicina, contudo, torna hoje possível que o corpo da pessoa velha não seja visto como tal antes dos oitenta. Chega-se, no século XXI, com a experiência possível da *Quarta Idade* (*Quarta Età*), em que as pessoas velhas se tornam realmente muito velhas, *três âgé*, para usar tanto a expressão italiana, quanto a francesa por ele utilizadas (Bobbio, 2005, p. 81). Nesse estado, o que se problematiza é sobretudo a “velhice psicológica e subjetiva”, e não exatamente a velhice cronológica ou biológica, ou mesmo burocrática. Tudo depende muito do que se passa ao redor de cada qual, tanto na vida privada quanto na vida pública, e de repente a pessoa percebe ou sente que sobrevive a si mesma (Bobbio, 2005, p. 82).

Em bases analógicas, o discurso de Bobbio é bastante objetivo. A sabedoria dos velhos parece contar apenas em sociedades tradicionais, que evoluem com mais lentidão. Nelas, ser velho representa deter um “patrimônio cultural da comunidade”, com alguma influência sobre os seus membros, certamente os mais jovens. Nessa leitura hermenêutica, ser velho pode representar ser dotado de experiência, de um saber exclusivo e que pode ser ensinado aos jovens que não o sabem.

Contudo, as sociedades não são mais estáticas, mas sofrem rápidas e contínuas mudanças. O saber atual não se faz acompanhar pelo velho, preso a uma temporalidade própria e a sua própria lentidão física. Este, portanto, no cenário contemporâneo do início do século XXI, torna-se “aquele que não sabe” (Bobbio, 2005, p. 83), além de não ter mais a facilidade de aprendizagem própria dos mais jovens. Sua marginalização cresce à medida que seu envelhecimento cultural se evidencia, ao lado do envelhecimento biológico e social. Eis que se constata que, “quanto mais se agarra aos pontos de referência de seu universo cultural, mais o velho se torna um estranho a sua época”, ressalta Bobbio (2005, p. 84).

2.1 Idade do tempo livre. *L'anziano attivo*

Na coletânea de artigos intitulada *L'Anziano Attivo*, publicada em 1991, Bobbio já manifesta ceticismo ao tratar da complexa relação entre o velho e a cultura. Na introdução da obra, publicada sob a tónica da gerontologia, psicologia e filosofia, entre outras, Giugliano Urbani comenta como na sociedade contemporânea o envelhecimento se apresenta como um processo em que oportunidades ainda poderiam ser oferecidas. Uma consideração que se revela em nível deôntico, isto é, do que deveria ser possível se melhor compreendido pelas várias esferas da sociedade. Contudo, de acordo com o mesmo Urbani, não se atua de forma a atestar

a compreensão e as oportunidades para tornar a vida das pessoas idosas mais estimulante (Urbani, 1991, p. 4), sendo necessário uma verdadeira propositura de uma nova cultura de pessoas idosas (*cultura dell' anziano*). Sem esquecer a complexidade da vida de cada um, Urbani sustenta a tese de que esta deve ser sempre integrada a um “sistema aberto em transição com o ambiente externo” e, logicamente, sujeita a certo desempenho estabelecido por “relações de desafios e respostas em função do *habitat*” (Urbani, 1991, p. 5).

Essa leitura traduz-se em certo realismo positivo igualmente de ordem deontica, na perspectiva das condições de possibilidades para os idosos. Contudo, na mesma coletânea, a perspectiva axiológica de Norberto Bobbio difere do tom dominante, sendo mais cética e rigorosa. Se, no cenário atual, o prolongamento biológico da vida se torna possível, considera ele que tal otimismo biológico não se confunde com o realismo psicológico que se enfrenta na velhice.

Assim, no texto que tem o sugestivo título *L'età del tempo libero*, escreve Bobbio que a velhice parece ser exatamente este tempo assumido como a idade em que cessa o trabalho obrigatório. Excepcionando-se o trabalho das mulheres que nunca cessa com a idade e, de fato, se amplia e se transmite em cada geração, começando da filha que ajuda a sua mãe e também aos irmãos, posteriormente, na função de mãe, então como avó e finalmente como bisavó (Bobbio, 1991, p. 12)³, a velhice é mesmo a idade em que o trabalho termina, enquanto uma exigência ou obrigação. Entretanto, dizer que este é realmente um tempo livre é desconsiderar a complexidade da relação do velho e com a cultura, já que vivemos em uma cultura do trabalho. Quando se pensa que na velhice cessa essa relação, um novo problema social se apresenta. É preciso, pois, que a sociedade possa garantir que “o tempo livre não seja um tempo vazio”, já que o tempo vazio equivale ao tempo da “morte precoce”, afirma Bobbio (1991, p. 13). Resta aos leitores indagarem qual seria, pois, o lugar e as condições para ser velho no cenário contemporâneo.

Há de se mencionar que os escritos de Bobbio, sobre diversos temas, nunca estiveram envoltos numa tônica eufórica. Segundo Luca Bacceli (2009), Bobbio não era realmente um otimista, apresentando traços de depressão crônica, com inclinação para a ênfase retórica, como se pode verificar na sua diferenciação entre o progresso científico e o progresso moral, amparada pelas indagações sobre o cosmo e o analfabetismo moral da humanidade, presentes em *A Era dos Direitos*. Bobbio teria também sempre apontado como os direitos proclamados na Declarações Internacionais são sistematicamente violados em todos os países, fazendo ver como o senso moral avança muito mais lentamente que o poder econômico, político e tecnológico.

Não é diferente o que se constata em seus poucos escritos sobre a velhice, que são tanto anteriores, quanto posteriores ao recebimento da homenagem acadêmica em 1994. Neles, o que causa impacto é a abordagem carregada de ceticismo moral. Aos olhos de um velho intelectual italiano, que acompanhou as diversas mudanças do século XX, das guerras às inovações científicas, dos diversos paradigmas políticos e jurídicos ao cotidiano de pessoas simples que se desesperam por terem perdido a ilusão da vida, quando morrem os filhos, o marido, a esposa, a amiga ou a esperança, de fato essa é uma fase radicalmente difícil e sem muita perspectiva. A leitura provoca certa sensação de enternecimento, mas também de necessidade de se questionar o que se sabe ou se supõe saber, ou se recusa saber sobre a velhice.

³ Não se poderia deixar de citar o texto de Bobbio, 1991, no original, na delicadeza de sua própria língua: “Naturalmente vi sono professioni in cui non si va mai in pensione, come quella delle casalinghe, che comincia dalla figlia che aiuta la madre nelle faccende domestiche, prosegue con la sorella che sorveglia i fratellini, si dispiega tutta nel compito della madre, e continua sino alla fine della vita, come nonna e ora sempre più frequentemente come bisnonna. Ma in genere la vecchiaia è l'età della cessazione del lavoro obbligatorio”

Contudo, abordando com certa descrença o tempo da velhice, Bobbio não deixa de se apresentar com todo o refinamento teórico característico de seus escritos, sempre pontuais e certos, embora melancólicos. Tércio Sampaio, em resenha de 2013, ao retomar o pensamento de Lafer, recorda como Bobbio sempre foi um pensador *inquieto*, que viu no Direito uma *ordem coativa* que visa à *obtenção da segurança coletiva*. Sua sensibilidade para as mudanças nunca lhe permitiu perder de vista as exigências da racionalidade, indagando sempre *qual* a democracia, *qual* a teoria jurídica de que se serve o Ocidente? Certamente, trata-se de um filósofo da indagação, que percebe, ao final da vida, como a velhice precisaria de amparo e solidariedade num mundo em constante transformação.

3 O IMPACTO HISTÓRICO NOS ESCRITOS DE SIMONE DE BEAUVOIR

A obra de Simone de Beauvoir sempre lida com diversas perspectivas amparadas pelo referencial da filosofia existencialista de meados do século XX, considerando o contexto da Segunda Grande Guerra, a crítica ao colonialismo europeu da década de 1950, o diálogo com os movimentos feministas pós-1960, entre outros acontecimentos históricos de fundo político e social. Não é diferente com *A Velhice*, publicada em 1970. Contudo, o tema não surge pela primeira vez apenas nesta obra de base existencial-antropológica, mas se desdobra por um conjunto de escritos ao longo de mais de duas décadas.

Na investigação temática, sempre pelo viés existencialista, ela examina a experiência no tempo dos sujeitos corpóreos, assim como as formas e estruturas culturais que privilegiam certos corpos como sujeitos e relegam outros a uma dimensão de submissão e, pois, de alteridade negativa. Esse é o foco desde sua obra mais famosa, *O Segundo Sexo* (1949), mas que também se encontra revisto, de distinta perspectiva interpretativa, na descrição da convivência final com sua velha mãe e com Sartre.

3.1 A velhice e suas interlocuções com textos memorialísticos

Se o corpo sofre o abalo continuado do tempo, a percepção dessa condição, desconcertante e mal compreendida, não escapa a Simone de Beauvoir, que a aborda em *A velhice* de uma perspectiva histórico-social e antropológica, considerando-a de uma ótica tanto interior quanto exterior.

Da perspectiva **exterior**, que nomeio uma leitura da **apresentação**, Beauvoir descreve como a velhice se manifesta aos outros, que a veem com olhares de curiosidade, repulsa, descaso. Já na abordagem **interior**, aqui nomeada como de **representação**, ela expõe como a velhice é assumida pelo sujeito que a experimenta e vivencia.

Assim, na primeira parte, Beauvoir volta-se a uma investigação da velhice enquanto um fenômeno biológico, com seus efeitos psicológicos e sociais. De um lado, interessa a função desempenhada pelos velhos nas sociedades primitivas, no correr da história e no século XX. De outro, a análise se volta para a velhice em sua dimensão fenomênica, com características existenciais próprias, observando-se como os *velhos* elaboram sua ligação com o próprio corpo, com o tempo e suas relações com os outros. Ambas as perspectivas se entrelaçam na constatação da finitude da vida (Beauvoir, 1970, v. I, p. 14-15).

O seu trabalho é minucioso e provocativo, pois tanto denuncia a condição da velhice, pouco abordada em modelos histórico-filosóficos, quanto indica as dificuldades de se vivenciar essa condição da vida, por se tratar de uma etapa bastante exposta a alto risco de pobreza e marginalização, especialmente nas civilizações supostamente avançadas, envoltas em laços de consumo. Muitas vezes, abandonadas à própria sorte, as pessoas que atingem a velhice se afiguram ao mundo numa condição de alteridade bastante radical, comprovando a falência de nossa civilização (Beauvoir, 1970, v. I, p. 11).

Em complexa análise da obra beauvoiriana, Teresa Lopez Pardina compreende que, neste estudo de 1970, a velhice não é investigada somente como um “fato biológico”, mas também como um “fato cultural”. Trata-se, na verdade, de uma etapa cuja definição permanece aberta, pois “depende dos valores vigentes em cada cultura” (Lopez Pardina, 1998, p. 303).

Já Sonia Kruks (2012, p. 82) destaca o modo como o tema é trabalhado nas obras beauvoirianas de memória, em pinceladas de “autorreflexão”. Ao comparar *O Segundo Sexo* e *A Velhice*, Kruks entende que o sentimento de “aversão”, naquilo que os jovens não suportam se transformar, torna a velhice uma etapa de exclusão e hostilidade (Kruks, 2012, p. 89). Os vários modos de opressão em relação à idade e ao gênero, tais como descritos por Beauvoir, provocam ou mesmo exigem uma ampliação interpretativa das possibilidades fáticas que revestem o envelhecimento e o sexo na cultura, tais como *o reconhecimento assimétrico*, a *indiferença* e a *aversão* (Kruks, 2012, p. 90). Na velhice, escolhas se inviabilizam e, especialmente para as mulheres velhas, a autonomia se vê ofuscada por modos distintos de opressão com os quais elas mesmas se tornam comprometidas (Kruks, 2012, p. 91)

Por sua vez, Penelope Deutscher (1999), ao analisar a velhice como tema de relevo na obra de Simone de Beauvoir, compreende que, em seus escritos, a noção de alteridade que perpassa *O Segundo sexo* torna-se, em *A velhice*, uma alteridade marginalizada. Em Beauvoir, a velhice tem um duplo significado, surgindo tanto como outro da norma, do que a sociedade considera ser outro em relação à subjetividade masculina jovem e adulta, quanto como uma recusa: rejeita-se, quando jovem, o velho em que um dia todos se transformam (Deutscher, 1999, p. 6), negando-se, quando se é jovem, o próprio destino humano.

Nessa leitura de fundo psicológico e antropológico, a questão central, segundo Deutscher, está no dilema corpóreo, na dificuldade de se ver, quando jovem, no corpo que os velhos passam a ter. Especialmente em se tratando das mulheres, que são relacionadas a certa exaltação meramente corpórea, o ato de se tornar velha não é de simples assimilação – e Beauvoir analisa isso inclusive em sua ficção, como em *A mulher desiludida* (Deutscher, 1999, p. 7). Ao passar da análise antropológica e histórica de *A Velhice* para a ficção, Beauvoir empresta ao tema maior visibilidade e maior alcance. O fato é que a nossa existência envelhecida é uma síntese inseparável de mudanças fisiológicas e de significados geralmente negativos dados a estas mudanças na vida. Do ponto de vista ocidental, Beauvoir define o ser-para-os-outros da velhice como uma “verdade complexa”, escreve Deutscher (1999, p. 7). E sua complexidade está também no fato de a sociedades atual não ter um olhar atento à velhice.

Tal como investigado por Simone de Beauvoir, o aparente limite objetivo da velhice é, na verdade, um complicado nexos da dimensão psicológica, das condições fisiológicas, econômicas, materiais e antropológicas da própria existência como ser para os outros. Como as pessoas velhas são vistas pelos outros, que não assumem a condição temporalizada da própria velhice, certamente é um dilema existencial, conforme Michela Fusaschi (2010, p. 149-150). A tríade juventude-beleza-saúde impele grande parte da humanidade a exigir para si uma ilusão de poder envelhecer bem, o que significa, na verdade, um modo camuflado de simplesmente não envelhecer.

Todas essas comentadoras ressaltam quanto foi de perspectivas variadas que o tema da velhice foi lido por Beauvoir, de modo a referendar sua crítica à condenação dos velhos a “vegetar na solidão e no tédio” (Beauvoir, 1970, v. I, p. 11). Eis o grande escândalo da humanidade.

3.2 Personagens do envelhecimento

Nos escritos de memória dedicados ao tema, seja em *Uma morte muito suave* ou em *A cerimônia do adeus*, Beauvoir detalha as várias situações de confronto com a velhice, em sua conformação com a morte e da perspectiva da debilidade física, tomando como referência sua

mãe, Françoise de Beauvoir, e também Jean-Paul Sartre. As descrições mnemônicas sobre sua mãe, no momento em que a condição do corpo se exaure, condenando-a à futilidade de uma vida esvaziada de sentido, fazem par com a recordação da incapacidade de autocontrole intelectual e físico de Sartre. Em ambos os casos, a velhice, enquanto uma alteridade precária, choca-se com toda a condição de liberdade de um corpo jovem e saudável, bem como de uma mente sempre pensante, que ambos os protagonistas não podem mais sustentar para si mesmos. Os relatos, contudo, chocam seus leitores não apenas pelas vivências de cada qual, mas sobretudo pelo realismo das descrições.

3.3 O envelhecimento de uma jovem senhora burguesa

Nas narrativas sobre sua mãe, Beauvoir alude à denegação da superficialidade de uma vida dedicada às filhas e ao marido, aprisionada a um casamento burguês composto de aparências, o que termina por deixá-la envolta em ressentimentos e solidão (Beauvoir [1964] 1984, p. 35-37), até, por fim, com a denegação da própria doença. Pelos fios da memória, a precária condição das mulheres no início do século XX parece evidente à observadora-escritora. De certa perspectiva melancólica e sempre crítica, retomando as questões centrais de *O Segundo Sexo* sobre casamento e maternidade, Beauvoir afirma como o casamento burguês se lhe afigura “uma instituição antinatural” (Beauvoir [1964] 1984, p. 35), e o exemplo das vivências de sua mãe a convencem plenamente disso. A aliança enfiada em seu dedo a autorizava “a conhecer o prazer”. Contudo, aos trinta e cinco anos, a ela já não era mais permitido saciar as exigências dos sentidos. Dormia ao lado do marido, que certamente ainda amava, mas ele, por sua vez, não mais “a procurava”, apesar da mãe-esposa esperar em vão o retorno à vida conjugal (Beauvoir [1964] 1984, p. 36).

Parecia à autora memorialista que o corpo materno teria sido sempre signo de abandono, da falta de prazer, projetando-se nos moldes de uma velhice antecipada. Conforme Annick Houël (2002, p. 410-11), vale indagar se a escritura torna possível a cicatrização de uma ligação profunda e conturbada entre mãe e filha, em que resistência e vontade de controle se debatem como, em tais relações, por toda uma geração de feministas? Essa parece ser uma das polêmicas teses que alimenta esse escrito de memória. O relato sobre velhice e morte de sua mãe lhe mostra como, da perspectiva exterior, se lida com a apresentação externa de outrem, assim como, de uma leitura interior, o rumo da representação torna talvez dolorosa a percepção, da parte da filha escritora, da condição de abandono durante toda uma vida, sentida pela mãe, que vivencia em seu próprio corpo a objeção dos laços do casamento.

Em termos existencialistas, o corpo em situação volta-se ao projeto temporalizado de transcendência rumo ao futuro. Contudo, seja como corpo feminino, seja como corpo envelhecido, na escritura de Simone de Beauvoir transparece uma produtividade social restringida pelo sexo e pelo peso da idade, na situação de uma alteridade mal compreendida nos percalços sociais e históricos do Ocidente. A expressão de abertura do segundo volume de *O Segundo sexo, o tornar-se mulher* (Beauvoir, [1949] 1980, v. II, p. 9), transparece como uma bruma fragilizada na situação corpórea do envelhecimento. O choque da recepção é que Beauvoir não se intimida diante das propostas da escrita e ousa trazer à tona como o corpo passivo e constrangido, tanto pela cultura quanto pelos estigmas da fragilidade da velhice, molda-se enquanto incômodo estético-histórico, numa cultura da forma e da visualidade.

3.4 O desgaste conformista de um intelectual: a escrita aflitiva sobre a velhice

Com relação à velhice de Sartre, a narrativa concentra-se bastante no descontrole fisiológico e no conformismo com tal situação de precariedade física e também intelectual, envolvendo esquecimentos, cegueira e desconfiança sobre a capacidade de seu entendimento.

Em ambos os casos, a aproximação do fim é um tópico de investigação bastante profunda e em tons muito realistas: “O que vai acontecer?” – perguntava Sartre. “Não era a morte que o preocupava: era seu cérebro” (Beauvoir [1981] 1982, p. 168). O conformismo apoderava-se de Sartre na medida em que ele acreditava nada mais poder fazer para mudar o seu destino, pois, sendo assim, não haveria mais motivo para a desolação. O estranhamento de Beauvoir sobre a complacência do companheiro para consigo mesmo deve-se não ao estado de fragilidade que nele se verifica, mas ao devir gradual e inconsolável de não saberem ambos reagir diante de mudança tão radical em suas vidas.

Especificamente sobre a velhice e a sua dimensão corpórea, deparam-se os leitores com as exigências, da parte de Beauvoir, de compreender o mundo por meio do exercício da escritura, na sua voracidade ética de tudo apreender e relatar. Justamente por essa exigência consigo mesma, mais de uma vez ela se entendia não como filósofa, mas como escritora. A escrita sobressaindo-se a quaisquer sistemas filosóficos, a escrita relatando ao mundo acerca do próprio mundo, bem como, aos leitores, as idiosincrasias da subjetividade humana, as situações corpóreas sentidas e refletidas pelos sujeitos em processo de envelhecimento.

Em *A cerimônia do adeus*, Beauvoir trata da década final em que viveu ao lado de Sartre, ressaltando as dificuldades e mesmo a decadência dos sentidos do grande filósofo. Nos seus relatos se constata a incisiva percepção da degradação corpórea do *outro*, da passividade, da submissão às determinações alheias, em que a velhice transparece em bases culturais. Elaine Marks (1986) evidencia a necessidade que tem Beauvoir de tudo registrar e sobre tudo explanar como forma de controlar a situação do corpo do *outro* por meio da escrita, assim como os efeitos produzidos por essa força de registro. O que então se revela é intrigante, a forma como os relatos excedem os limites do que se “considera legítimo” narrar sobre a dimensão corpórea, como se, no âmbito textual, certos tabus discursivos tivessem sido transpassados por Beauvoir: a cultura admite a descrição dos hábitos sexuais de um ilustre e famoso homem, mas não permite que se escreva acerca de sua “perda de controle sobre suas funções excretórias” (Marks, 1986, p. 187).

O que Elaine Marks questiona são as demarcações a que se submete a escrita de Beauvoir, inserida tanto no campo do que nomeia como “discurso falocêntrico” (*phallogocentric discourse*), quando narra a decadência da fase final de Sartre, quanto reconhecida no âmbito de uma “escrita feminina” (*l’écriture féminine*), quando problematiza a vida e a morte de sua mãe. Utilizando-se das expressões em duas línguas, verifica ela que em todas as áreas preexistem sempre interditos (Marks, 1986, p. 188). Ao tratar o tema da velhice pela logicidade (falocêntrica), estrutural e cultural, ou ao apurar as agruras tópicas de uma escrita feminina em que se vasculha a vida das mulheres, seja num estilo, seja no outro, as proibições se reconhecem historicamente e Beauvoir soube identificá-las em suas narrativas.

O problema está no quanto é permissível culturalmente escrever sobre a velhice, a morte e, no caso de Beauvoir, que o faz na primeira pessoa, se poderia ela, em seu intento realista, considerar que o real não é passível de ser verdadeiramente descrito, que o real deva ter seus impactos mitigados e muitas vezes suprimidos ou, no máximo, transladados em signos metafóricos!

Sem dúvida, é provocativo o modo como Beauvoir aborda o corpo em declínio físico. Na segunda parte de *A cerimônia do adeus*, as entrevistas com Sartre sobre os polêmicos temas do corpo, do tempo, da morte e das mulheres em sua vida mostram como é desafiador o seu propósito de seguir em frente com temáticas que incitam e até mesmo desagradam certa ala do público leitor. Em certas passagens, a leitura parece um tanto aflitiva, na medida em que Beauvoir ousa “quebrar o decoro” (Marks, 1986, p. 190), uma vez que escreve diretamente sobre assuntos sempre tratados apenas da perspectiva das ciências sociais empíricas ou de forma metafórica na literatura convencional.

Vale conferir na própria obra. Nas entrevistas do verão de 1974, Beauvoir pergunta a Sartre:

- Uma última pergunta: você diz que não se interessa por sua imagem, por você mesmo. E, no entanto, tem prazer em fazer essas entrevistas?
 - Sim. Não esqueça que, se me prejudicam, reajo; se me insultassem ficaria aborrecido.
 - É claro.
- E ele então acrescenta:
- E como não tenho muito o que fazer atualmente, é preciso que me ocupe um pouco de mim... sem o que não teria nada... (Beauvoir [1981] 1982, p. 245).

Falar de si por meio de narrativas sobre o *outro* torna-se um inconveniente e, simultaneamente, uma necessidade. Como um filósofo poderia não ter o que fazer ou pensar? E, sem nenhum propósito, só deve cuidar de si? Que fútil e irrisória condição se empresta a si mesmo ao se voltar sobre si na condição de velho?

Aos leitores que acompanham a trajetória quase-épica dos relatos beauvoirianos sobre o mundo ao seu redor, seus ideais ao lado dos intelectuais de esquerda de seu tempo, tais narrativas constroem, sobretudo, pela forma da escrita. Mais uma vez, é da perspectiva exterior, na apresentação da crueza da velhice, que Beauvoir retrata o companheiro, intelectual e militante até o final da vida, já sem controle de suas ideias, em que a incontinência urinária, a cegueira e o esquecimento repercutem intensamente. Narrar e descrever, a escrita de memória torna-se uma via para superar o peso de constatações e inquietações.

Em *A cerimônia do adeus*, a percepção da debilidade física torna-se objeto de descrição, como modo de afirmar o vivido e a incompreensão diante das incongruências da velhice. Beauvoir não poupa esforços em narrar como as incontinências corpóreas, especificamente as urinárias, por parte de Sartre, foram surpreendidas por um diálogo entre eles. Deveria o filósofo sentir certo embaraço com a situação inusitada da falta de controle? O que Sartre lhe responde com um sorriso parece a ela, Simone de Beauvoir, bastante aflitivo, contudo ela não recua, na orla da escrita, em transmitir tal constrangimento: “Quando se está velho, não se pode esperar muito, suas exigências devem ser modestas”, lhe diz Sartre. O que leva Beauvoir a registrar: “Eu fui tocada por sua simplicidade e por sua moderação, tão novas nele; e, ao mesmo tempo, senti-me triste por sua falta de agressividade, por sua resignação” (Beauvoir [1981] 1982, p.53-54).

Na situação corpórea do envelhecimento, a liberdade teria cedido à incontinência e à fragilidade do corpo exibido nos contextos descritos. Isso surpreende o público leitor acostumado com sua exposição temática de *O segundo sexo*; contudo, o impacto maior é certamente diante das minúcias descritas nesta obra de 1981. O quão verdadeiro pode ser um texto sobre a crueza da velhice? Talvez seja essa a grande e implícita indagação de Simone de Beauvoir.

4 À GUIA DE CONCLUSÃO

Nada fácil concatenar a descrição da velhice da perspectiva de Bobbio e de Beauvoir. Não apenas por terem descrito vivências muito específicas, mas porque são autores com bases axiológicas que rumam em traçados distintos, embora ambos tivessem louvado a liberdade e a luta pelos direitos. Contudo, é sobre o tema da velhice, estado e situação de nenhum direito, que ambos são aqui contemplados, em suas escritas realistas e impactantes.

De um lado, a constatação de que o universo de direitos, mesmo reconhecidos em dimensão histórica de princípios, perde o seu sentido diante da perspectiva da velhice, segundo Bobbio. De outro, o aguçamento das descrições sobre o corpo e a mente afetados pelo peso da idade, realçando em Beauvoir o dever de escrever que se coloca acima da necessidade de se silenciar em respeito às fragilidades do outro.

Em ambos os autores, a velhice precisa ser narrada. Necessita ser desnudada para que as narrativas possam ser lidas e se perceba quanto o *ethos* do envelhecimento é desafiador, exigindo que as bases da solidariedade humana sejam revistas para que o peso da solidão e abandono que recai sobre o humano envelhecido não seja vivenciado de forma tão árida e sofrida.

REFERÊNCIAS

- BACCELLI, Luca. Una rivoluzione copernicana: Norberto Bobbio e i diritti. Jura Gentium. **Rivista di filosofia del diritto internazionale e della politica globale**, 2009. <https://www.juragentium.org/topics/rights/it/bobbio.htm>
- BEAUVOIR, Simone de. **A Cerimônia do Adeus** (1981). Seguido de entrevistas com Jean-Paul Sartre. Agosto-setembro 1974. Tradução de Rita Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- BEAUVOIR, Simone de. **A Velhice** (1970). v. I. A realidade incômoda. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1976.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo** (1949). v. I. Fatos e Mitos. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1980.
- BEAUVOIR, Simone de. **Uma Morte muito suave** (1964). Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BOBBIO, Norberto. **A era dos Direitos**. Tradução Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Campus, 1992.
- BOBBIO, Norberto. L'età del tempo libero. IN: **L'anziano attivo**. Proposte e riflessioni per la terza e la quarta età Torino: Edizioni della Fondazione Giovanni Agnelli, 1991. <https://core.ac.uk/download/pdf/199701888.pdf>
- BOBBIO, Norberto. **O final da longa estrada**. Considerações sobre a moral e as virtudes. Tradução Léa Novaes. Rio de Janeiro. Tempo brasileiro, 2005.
- BOBBIO, Norberto. **LECTIO MAGISTRALIS. DE SENECTUTE**, 1994. <https://www.dirittoestoria.it/3/In-Memoriam/Norberto-Bobbio/Bobbio-De-senectute.htm>
- DEUTSCHER, Penelope. Bodies. lost and found. Simone de Beauvoir from the Second Sex to Old Age. **Radical Philosophy**. 096, Jul/Aug 1999, pp. 6–16. (pdf). <https://www.radicalphilosophy.com/article/bodies-lost-and-found>
- FERRAZ JR. T. Sampaio. **Trajatória e obra de Norberto Bobbio**. Resenha crítica. Resenhas • **Estudos Avançados**. 27 (79) • 2013 • <https://doi.org/10.1590/S0103-40142013000300021> <https://www.scielo.br/j/ea/a/6jSBMPvwSsw7wK4byqXH8m/>

FUSASCHI, Michela. Simone de Beauvoir tra I “dati dell’etnologia” e l’antropologia del corpo vecchio. Cagnolati, Antonella (Curatrice). **La grande avventura di essere me stessa**. Una rilettura di Simone de Beauvoir. Roma: Aracne, 2010. p.139-154.

HOUËL, Annick. La mère morte, la libération des filles?. in: Delphy, Christine; Chaperon, Sylvie. **Cinquantenaire du Deuxième Sexe**. Paris: Syllepse, 2002, p. 407-411 (Nouvelles Questions Féministes).

KRUKS, Sonia. **Simone de Beauvoir and the Politics of Ambiguity**”. Oxford, New York: Oxford University Press, 2012.

LAFER, Celso. **Norberto Bobbio: trajetória e obra**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

LÓPEZ PARDINA, Teresa. **Simone de Beauvoir: una filósofa del Siglo XX**. Cádiz: Servicio de Publicaciones de la Uniersidad, 1998 (Textos y Estudios de Mujeres).

MARKS, Elaine. “transgressing the (in)cont(in)ent boundaries: the body in decline”, in: wenzel, hélène vivienne (comp.). Simone de Beauvoir: Witness to a Century. **Yale French Studies**, nr. 72. 1986. P.???

URBANI, Giuliano; Bobbio, Norberto. *et al.* **L’anziano attivo**. Proposte e riflessioni per la terza e la quarta età Torino: Edizioni della Fondazione Giovanni Agnelli, 1991.
<https://core.ac.uk/download/pdf/199701888.pdf>

Norberto Bobbio



Bobbio no escritório de sua casa, em Turim, nos anos 1950.

Durante os anos de fascismo italiano, Bobbio e seus amigos organizaram o chamado Partido de Ação. Um partido de intelectuais, inspirado no socialismo liberal e que via na guerra de libertação não exatamente uma guerra de classes, mas a antecipação de uma revolução democrática.

Bobbio concorreu às eleições para a Assembleia Constituinte italiana de 1946, não tendo, porém, sido eleito para o cargo pleiteado. Bem mais tarde, em 1984, foi nomeado senador vitalício. Contudo, na condição existencial de um “iluminista-pessimista”, um “homem de ideias e um realista”, bem na esteira kantiana, dizia-se dotado de *uso público da razão* para iluminar os assuntos do governo, sem ser, exatamente, um protagonista da militância política, conforme entendimento de Celso Lafer, 2013.

Foto buscada do Arquivo da Família Bobbio.

Disponível em:

<https://epoca.globo.com/ideias/noticia/2013/09/um-sabio-entre-b-direita-e-esquerda.html>.



Norberto Bobbio e Guido Calogero. “Rencontres internationales de Genève” (setembro, 1963)
Disponível em:

https://it.wikipedia.org/wiki/Norberto_Bobbio#/media/File:Guido_Calogero_e_Norberto_Bobbio.jpg



Disponível em:

https://www.wagenbach.de/buecher/titel/494-Ethik_und_die_Zukunft_des_Politischen.html?tmpl=component&layout=prin

Simone de Beauvoir



Simone de Beauvoir no enterro de Jean-Paul Sartre, 19 de abril de 1980.
Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/576812664754475394/>

"Subi no carro fúnebre com Sylvie, minha irmã, Arlette. À nossa frente havia um carro de buquês suntuosos e de coroas mortuárias. Uma espécie de microônibus transportava amigos idosos ou incapazes de uma longa caminhada. Uma imensa multidão acompanhava: 50.000 pessoas mais ou menos, jovens sobretudo. Pessoas batiam nos vidros do carro fúnebre: em sua maioria, fotógrafos que assentavam suas objetivas para tirar instantâneos de mim. Amigos de *Les Temps Modernes* fizeram uma barreira atrás do carro, e, em volta, desconhecidos espontaneamente fizeram uma corrente dando-se as mãos. De um modo geral, durante todo o trajeto, a multidão se mostrou disciplinada e calorosa: 'É a última manifestação de 1968' - disse Lanzmann. Eu não via nada. Estava mais ou menos anestesiada por valium e rígida em meu desejo de não desmoronar. Dizia a mim mesma que era exatamente o enterro que Sartre desejava e que ele não o saberia." (Beauvoir, **A cerimônia do Adeus**, [1981] 1982, p. 171).



Simone de Beauvoir no lançamento de livro no Rio de Janeiro, (setembro, 1960).

Disponível em:

<https://revistasantiago.cl/pensamiento/simone-de-beauvoir-la-reconciliacion-de-los-instantes/>



Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir. Lisboa, após a Revolução dos Cravos em março de 1975.

Disponível em:

<https://www.cmjornal.pt/domingo/detalhe/os-turistas-famosos-da-revolucao-portuguesa>